



## Migração de retorno da fronteira do Paraguai com o Brasil: redes, vínculos e transterritorialidades

**Marcos Mondardo**

Universidade Federal da Grande Dourados

**Vanucia Gnoatto**

Universidade de Passo Fundo

### RESUMO

*O presente artigo analisou a migração de retorno de brasileiros do Paraguai no período de 1970 a 2020, problematizando diferentes casos de retorno, visando perceber a influência da fronteira nestas mobilidades. O delineamento metodológico foi conduzido pela história oral, na modalidade de história oral de vida, oriundo das pesquisas realizadas entre 2019 a 2022, com retornados residentes nos municípios de Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu. Na primeira parte, fizemos uma discussão teórica em torno dos conceitos de fronteira e migração de retorno. Na segunda parte, analisamos diferentes situações de retorno para esta região de fronteira. Como resultado, observou-se que a busca pela educação, saúde, aposentadoria, reuniões familiares, trabalho, pandemia de Covid-19, levaram o retorno de brasileiros do Paraguai. Retornos para municípios fronteiriços brasileiros que podem acontecer articulados pela presença de redes, principalmente, familiares ou pela proximidade destes municípios com o antigo país de destino onde estes possuem vínculos. Assim, conclui-se que estes retornos para a fronteira fazem parte de estratégias desses imigrantes para acessar serviços, principalmente do lado brasileiro, e manter os vínculos com o espaço anterior, onde estes possuem familiares, trabalhos, possibilitando idas e vindas, transterritorialidades, entre os dois países.*

**Palavras-chave:** Fronteira; Migração de Retorno; Redes; Paraguai; Brasil.

## Return migration from Paraguay's border with Brazil: networks, bonds and transterritorialities

### ABSTRACT

*The present article analyzed the return migration of Brazilians from Paraguay in the period from 1970 to 2020, problematizing different cases of return, aiming to understand the influence of the border in these mobilities. The methodological delineation was conducted by oral history, in the modality of oral history of life, arising from research conducted between 2019 to 2022, with returnees living in the municipalities of Foz do Iguaçu and Santa Terezinha de Itaipu. In the first part, we made a theoretical discussion around the concepts of border and return migration. In the second part, we analyzed different situations of return to this border region. As a result, we observed that the search for education, health, retirement, family reunions, work, and the Covid-19 pandemic led to the return of Brazilians from Paraguay. These returns to Brazilian border municipalities can happen articulated by the presence of networks, mainly family ones, or by the proximity of these municipalities with the old country of destination where they have ties. Thus, it is concluded that these returns to the border are part of these immigrants' strategies to access services, especially on the Brazilian side, and maintain links with the previous space, where they have family members, jobs, enabling comings and goings, transterritorialities, between the two countries.*



**Keywords:** Border; Return Migration; Networks; Paraguay; Brasil

## Migración de retorno desde la frontera de Paraguay con Brasil: redes, vínculos y transterritorialidades

### RESUMEN

*El presente artículo analizó la migración de retorno de brasileños desde Paraguay en el período de 1970 a 2020, problematizando diferentes casos de retorno, con el objetivo de comprender la influencia de la frontera en estas movilizaciones. El diseño metodológico fue realizado por historia oral, en la modalidad de historia oral de vida, surgida de investigaciones realizadas entre 2019 y 2022, con retornados residentes en los municipios de Foz do Iguazu y Santa Terezinha de Itaipu. En la primera parte, realizamos una discusión teórica en torno a los conceptos de frontera y migración de retorno. En la segunda parte, analizamos diferentes situaciones de retorno a esta región fronteriza. Como resultado, se observó que la búsqueda de educación, salud, jubilación, reunificación familiar, trabajo, la pandemia del Covid-19, provocaron el retorno de brasileños desde Paraguay. Retornos a municipios brasileños de frontera que pueden ocurrir articulados por la presencia de redes, principalmente, familiares o por la proximidad de estos municipios con el antiguo país de destino donde tienen vínculos. Así, se concluye que estos retornos a la frontera forman parte de las estrategias de estos inmigrantes para acceder a servicios, principalmente del lado brasileño, y mantener vínculos con el espacio anterior, donde tienen familiares, empleos, posibilitando idas y venidas, transterritorialidades, entre los dos países.*

**Palabras clave:** Frontera; Migración de retorno; Redes; Paraguay; Brasil.

### INTRODUÇÃO

A migração de retorno faz parte dos movimentos migratórios ao longo da história. Para o sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (2000), “o retorno é elemento constitutivo da condição do imigrante”. Essa dimensão política de estar em estado transitório no mundo é também a dimensão existencial do ser imigrante na disputa por espaços e tempos de vida. Entretanto, muitas vezes o retorno não tem a mesma visibilidade que a migração possui, mas nem por isso deixa de ser um movimento complexo, múltiplo e dinâmico. Especialmente em situação de fronteira, como no caso que analisaremos neste texto, aonde idas e vindas entre Paraguai e Brasil acontece com certa facilidade – sejam movidas pela proximidade/vizinhança e/ou contigüidade espacial, presença de redes de sociabilidade – demonstram as estratégias desses imigrantes para acessar os dois países mesmo após o retorno e os vínculos ainda mantidos com o antigo país de destino.

Os trechos de entrevistas de história de vida que analisaremos neste texto fazem parte de um projeto de pesquisa sobre migração de retorno de brasileiros do Paraguai. Sendo assim, algumas delas foram coletadas em pesquisa de campo em janeiro de 2019 e maio de 2022 e em entrevistas realizadas de forma virtual<sup>1</sup> (*online*) entre fevereiro de 2021 a janeiro de 2022. Tendo por base estas mesmas histórias delimitamos o nosso recorte temporal entre 1970 a 2020, período em que se deram os retornos dos brasileiros entrevistados. Já, como recorte

---

<sup>1</sup> Realizamos entrevistas de forma virtual (*online*) entre o ano de 2021 a 2022, devido ao contexto de isolamento imposto para a contenção da pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19, que impediu a realização de entrevistas de forma presencial.



espacial, demarcamos os municípios fronteiriços de Foz do Iguaçu e Santa Terezinha de Itaipu, no Brasil, onde residem os retornados de distritos<sup>2</sup> do Departamento<sup>3</sup> paraguaio fronteiriço de Alto Paraná.

Para este trabalho selecionamos diferentes situações de retorno para o Brasil que possuem em comum uma relação com a fronteira do Paraguai, por meio idas e vindas, entre os dois países, realizadas por alguns de forma regular, por outros em movimentos intermitentes, e motivados por questões ligadas ao trabalho, familiares e afetivas, e de outras ordens, que demonstram as estratégias de mobilidade utilizadas por esses imigrantes nesse espaço fronteiriço.

Os fragmentos de entrevistas<sup>4</sup> são de três homens e quatro mulheres, adultos de diferentes faixas etárias, que residiram no Paraguai ou no caso de um entrevistado que nasceu naquele país, mais especificamente em distritos do Departamento de Alto Paraná, que tinham o fato de trabalharem no setor agrícola, possuindo terras ou como empregado no campo<sup>5</sup>.

Além dessa introdução, em que apresentamos à problemática e a estratégia metodológica utilizada, os resultados e a discussão desse texto são estruturados em seções: a) Contexto geohistórico da migração de retorno do Paraguai; b) A migração de retorno na fronteira entre Brasil-Paraguai; c) Retornar e permanecer na fronteira: estratégias migratórias no espaço fronteiriço. Nas considerações finais, reconhecemos que essa migração não rompeu os laços dos imigrantes com o Brasil e o retorno não rompeu os vínculos destes com o Paraguai. Os múltiplos retornos – ou, condição de trânsito – demonstra a existência de uma modalidade de transterritorialidade na fronteira do Paraguai com o Brasil.

## CONTEXTO GEOHISTÓRICO DA MIGRAÇÃO DE RETORNO DO PARAGUAI

Para analisarmos a volta ao Brasil é necessário compreender o movimento de ida ao Paraguai, contextualizando geohistoricamente esta emigração específica de brasileiros para o país vizinho. Na segunda metade do século XX, principalmente durante a ditadura de Stroessner (1954-1989) no Paraguai houve uma maior aproximação geopolítica com o governo brasileiro, por meio de acordos e de obras na fronteira dos dois países, a exemplo da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, inaugurada em 1984 (ALBUQUERQUE, 2005).

Ao mesmo tempo na década de 1960 o Brasil com mais intensidade passa a adotar uma política que visava à modernização da atividade agrícola. Conforme Brum (1985), o processo de modernização agrícola, que teve início na região do planalto do Rio Grande do Sul, se estendendo para os demais estados da região Sul e outros estados brasileiros, estava

<sup>2</sup> Denominação que equivale no Brasil a municípios.

<sup>3</sup> Denominação que equivale no Brasil a estado.

<sup>4</sup> Optamos ao logo dos trechos de entrevistas, destacar em negrito algumas frases relevantes para a compreensão do contexto de retorno em cada caso. Ao mesmo tempo utilizamos o recurso de inserção de algumas palavras entre colchetes para o maior entendimento da entrevista.

<sup>5</sup> Ao logo do artigo identificaremos os entrevistados com nomes fictícios para preservar a identidade da fonte, mesmo tendo a assinatura deles do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). É importante mencionar um pouco sobre nossos entrevistados: **Gabriel**, único nascido no Paraguai, graduado em história, trabalha como Coordenador do Patronato Municipal; **Fátima**, cozinheira, atualmente buscando a aposentadoria; **Maria**, dona de casa; **Francisco** trabalha como vendedor externo para uma cooperativa no Paraguai, na região de fronteira com o Brasil; **Rosa**, dona de casa; **Marlene**, aposentada; **Dirceu**, empregado em uma chácara e realiza ‘bicos’ na área rural de Foz do Iguaçu.



articulado a corporações transnacionais. Essa política aprofundava a dependência econômica do Brasil ao capitalismo internacional. Os países que adotavam a “Revolução Verde”, como Brum acrescenta, eram orientados a utilizar o pacote tecnológico, que incluía fertilizantes, maquinaria e equipamentos modernos, controle de pragas, doenças e correção do solo. Porém esse processo de modernização não mexeu na estrutura fundiária brasileira, caracterizada pelos grandes latifúndios, sendo dessa forma definida como uma “modernização conservadora” (BRUM, 1985, p.65).

Por sua vez esta política, de “modernização conservadora da agricultura” (GRAZIANO, 2002), dificultava a permanência de pequenos agricultores no campo, pois muitos destes não possuíam recursos financeiros suficientes para adquirir o pacote tecnológico ou comprar terras cada vez mais valorizadas devido à mecanização das atividades agrícolas. Somando-se a isso o contexto da agricultura familiar nos estados da região Sul do país era de famílias numerosas, o que levava a um fracionamento da pequena propriedade quando da maior idade dos filhos, dificultando a permanência junto o primeiro núcleo familiar, ocasionando um êxodo rural ou busca de terras em outras frentes agrícolas, aumentando a concentração de terras nas mãos de grandes proprietários (SALES, 1996; SILVA, 2007; MONDARDO, 2011).

Por outro lado, entre os trabalhadores do campo o processo de modernização da atividade agrícola levou a diminuição da oferta de trabalho, o que por sua vez ocasionou também a busca de outras frentes agrícolas, como no Paraguai ou ao êxodo rural. Além disso, a construção da Usina de Itaipu, e principalmente do lago, tanto do lado paraguaio como no lado brasileiro, resultou em mobilidades forçadas nas regiões afetadas pela barragem e uma emigração de uma parcela de brasileiros residentes no estado do Paraná para o Paraguai (ZAAR, 2001).

No lado paraguaio, durante a ditadura de Stroessner (1954-1989) em que o tradicionalismo conservador e a modernização caracterizariam esse período (FLORENTIN, 2014). Esta política visava para a região leste do país também uma modernização agrícola aos mesmos moldes do que acontecia na região Sul do Brasil. Dessa forma, houve uma abertura da fronteira para imigrantes brasileiros, que atraiu por sua vez, trabalhadores do campo, arrendatários, pequenos agricultores e grandes empresários brasileiros para as terras de departamentos fronteiriços ao Brasil como de Alto Paraná, no Paraguai.

Porém, é importante considerar que os fatores políticos atrativos do lado paraguaio não foram os únicos motivadores para a emigração de brasileiros para aquele país. Para Baller (2014), “a presença de milhares de brasileiros no Paraguai não foi somente obra de políticas governamentais dos dois países com *A Marcha para o Oeste* no Brasil, e a *Marcha se hace al Este* no Paraguai”. Segundo o autor, no caso dessa emigração “houve a junção de um processo espontâneo de deslocamento populacional devido à concentração da propriedade fundiária nos estados do Sul e Sudeste do Brasil, no início da segunda metade do século XX” (BALLER, 2014, p.62).

É importante enfatizar que esta emigração para o país vizinho, que acontece a partir da década de 1960, tendo o seu fluxo maior na década de 1970, é articulada em distintas fases e realizada por distintos grupos de brasileiros. Conforme Albuquerque (2005), os imigrantes



brasileiros que estão no Paraguai são parte de dois movimentos migratórios que ocorreram no interior do Brasil: um deslocamento que partiu do Nordeste e de Minas Gerais, passando por São Paulo e pelo norte e oeste do Paraná, e outro fluxo originário do Rio Grande do Sul, que passou por Santa Catarina, oeste do Paraná e Mato Grosso do Sul. Essas duas migrações, na grande maioria, são de famílias camponesas, porém, que estão em posições sociais distintas no oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul, e na região leste do Paraguai, no cultivo do café, da menta e da soja. Várias foram às vezes em que os sulistas se tornaram colonos, pequenos e médios proprietários de terras, em especial, no Paraguai; já os mineiros e os nordestinos foram em grande número arrendatários, peões e posseiros. Porém, é importante ressaltar que, quanto à questão da ocupação de espaços de trabalho ou aquisição de terras, existem exceções em ambos os grupos de imigrantes que adentraram ao Paraguai.

Ao longo do período de desdobramento desses processos migratórios ao país vizinho foram acontecendo movimentos de retorno para o Brasil. Já na década de 1980 esse movimento migratório de retorno ganha mais visibilidade devido ao número expressivo de retornados e pelo contexto conflitivo de retorno (SPRANDEL, 1992). Para Albuquerque (2005), na década de 1980, houve muitas mudanças na política e na economia. Somando-se a diminuição de empréstimos agrícolas do Banco Nacional de Fomento, o fim dos contratos de arrendamentos disponíveis a agricultores pobres tornou inviável a pequena produção.

Nesse contexto, no Brasil, em 1985, acaba a ditadura militar e o governo democrático que assume levanta a possibilidade de se realizar uma reforma agrária. Já no Paraguai, em 1989, a ditadura termina e os grupos camponeses passam a exigir com mais força o direito à terra. Essas mudanças políticas que ocorreram nos dois países levaram “um novo processo migratório com sinais invertidos. Agora os imigrantes pobres são “expulsos” do modelo de concentração da propriedade no Paraguai e estão sendo “atraídos” pela promessa de terra no Brasil”. O que por sua vez levou à formação de grupos de brasileiros que se organizaram politicamente para retornarem ao Brasil, acampando nos municípios brasileiros que fazem divisa com o Paraguai a fim de reivindicarem “a terra e a nacionalidade brasileira” (ALBUQUERQUE, 2005, p.94).

Nesse contexto, as questões ligadas à terra, como problemas de titulação, documentos pessoais, conflitos com camponeses paraguaios e fim dos arrendamentos foram os motivos que levaram a um número expressivo de retornos de imigrantes brasileiros ao país. Estes, por sua vez, passaram a exercer pressão sobre as autoridades brasileiras para conseguirem o direito de serem proprietários de terras no Brasil.

Já entre o final da década de 1990 e início do século XXI, período de transição e abertura política no Paraguai, gerou-se outro modelo agrícola, que conforme afirma Baller, levou a intensa utilização de “recursos tecnológicos no setor rural paraguaio, desde maquinários, até os mais variados insumos para a produção, como defensivos, inseticidas e pesticidas, aplicação de dessecantes, e, sobretudo, a utilização de sementes modificadas” (BALLER, 2014, p.250-251). Era o agronegócio se expandindo do estado do Paraná para o território paraguaio, o que por sua vez levou a expulsão de pequenos proprietários do campo e trabalhadores do campo como arrendatários, meeiros, parceiros brasileiros e camponeses paraguaios.



Com a expansão do agronegócio nos departamentos fronteiriços paraguaios, como no Alto Paraná, muitos pequenos agricultores que não puderam mais fazer frente a esse sistema e trabalhadores do campo tiveram que retornar. Somando-se a estas motivações a busca por serviços públicos na área da saúde, educação, aposentadoria ou benefícios sociais, reuniões familiares, trabalho, entre outras causas, tem levado ao retorno de brasileiros.

Entre os nossos entrevistados as causas e motivações para o retorno estão apresentadas no quadro 1:

**Quadro N° 1: Múltiplas causas do retorno**

| Entrevistados/as | Profissão                          | Causas/Motivações   |
|------------------|------------------------------------|---|
| Gabriel          | Coordenador do Patronato Municipal | Falta de perspectiva no campo e preconceito leva a busca por trabalho                                       |
| Francisco        | Vendedor externo                   | Falência no campo motiva a busca por trabalho   |
| Dirceu           | Empregado em uma chácara           | Vulnerabilidade motiva a busca por aposentadoria e trabalho   |
| Fátima           | Cozinheira                         | Busca por trabalho  |
| Marlene          | Aposentada e dona de casa          | Doença do esposo motiva a busca por serviços na área da saúde e uma maior estabilidade na velhice no Brasil |
| Maria            | Dona de casa                       | A busca por trabalho e estudo   |
| Rosa             | Dona de casa                       | A busca por saúde e estudo  |

**Fonte:** Elaboração própria com base em entrevistas realizadas entre 2019 a 2022, nas modalidades presencial e online.

Nota-se neste pequeno número de entrevistados que a motivação predominate para o retorno esta na busca por beneficios e serviços sociais públicos, principalmente na área da saúde. Nesse contexto é importante ter presente a realidade do Paraguai, que com sua longa história de políticas neoliberais, não possui um sistema público de saúde que atende todas as áreas de forma gratuita, como no caso do Brasil.

Além disso, como aponta Canese (2015) no governo do presidente Horacio Cartes (2013-2018), além de realizar privatizações, congelou os gastos públicos sociais, deixando em situação dramática a saúde pública. Aqui é interessante co-relacionar com o caso do Chile, conforme Piñones-Rivera *et al* (2022), pois neste país verifica-se os impactos dos processos neoliberais em escala mundial e a precarização/espoliação promovidas por estas políticas neoliberais com relação à saúde. Em especial nas políticas de saúde pública dos imigrantes, que se apresentam repletas de impedimentos ao acesso e precariedades.

A falta de um serviço gratuito leva imigrantes brasileiros, que geralmente possuem problemas de saúde mais complexos, a buscarem serviços de saúde nos municípios fronteiriços brasileiros. Além da gratuidade, outra motivação esta ligada a “confiabilidade”



dos serviços. Porém, é necessário se ter presente, segundo relatos de entrevistados, que o sistema de saúde privado do Paraguai tem melhorado.

Diante disso, é importante que se mencione que as histórias analisadas são de imigrantes. Percebe-se nesses casos que analisaremos que os migrantes viveram no Paraguai por mais de dez anos e, em sua maioria, articulados por redes sociais, optaram num primeiro ou segundo momento por se fixar na fronteira. Entre estes imigrantes, identifica-se que para os mais velhos o retorno se apresenta como definitivo. Já entre os jovens que voltaram aconteceram outras migrações no país de origem e retornos de volta ao Paraguai, facilitados por esse espaço fronteiriço.

### **A MIGRAÇÃO DE RETORNO NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL-PARAGUAI**

O retorno faz parte de todo movimento migratório. Como afirma Sayad (2000), o retorno é um elemento constitutivo do processo migratório e tem implicação na relação do migrante com o tempo, o espaço e o grupo.

Uma relação com o tempo, o tempo de ontem e o tempo do futuro, a representação de uma projeção do outro, sendo estritamente dependentes do domínio que se tem do tempo presente, isto é, do tempo cotidiano da migração; uma relação com a terra em todas as suas formas e valores, inicialmente em suas dimensões físicas e geográficas e, em seguida, em suma apenas metáfora do espaço social; uma relação com o grupo, aquele que se deixou fisicamente, mas que continua a carregar de uma maneira ou outra, e aquele no qual é preciso se impor, aprender a conhecer e dominar (SAYAD, 2000, p. 12).

Ou seja, para Sayad o migrante sente saudades do tempo da partida, mas, mesmo quando o retorno for possível, ele não vai encontrar a realidade estática como a sua retrospectiva do tempo imagina. Com relação ao espaço geográfico o migrante o entende como cheio de afetividade e com saudosismo, pois, tanto o migrante mudou, quanto o “seu” espaço deixado. Quanto aos grupos, o migrante é afetado por dois ao mesmo tempo. Com um deles, deseja manter os laços existentes antes da partida, como outro, busca aprender a conviver.

Considerando a posição de Sayad (2000), de que o retorno é um elemento constitutivo da condição do imigrante, pois se faz presente no projeto migratório desses sujeitos, Cavalcanti e Parella (2013) defendem que o retorno no contexto das migrações está sendo ressignificado no atual cenário das migrações internacionais. A partir daí, percebe-se como se intensificaram os laços que mantêm unidos os imigrantes com o seu local de origem e destino, impulsionando a criação de espaços sociais que ultrapassam as fronteiras, sejam elas físicas, culturais, religiosas, sociais e políticas. Dessa forma, o duplo pertencimento a estes “dos mundos”, ‘dos tiempos’ y ‘dos sociedades’ deslegitima hablar de un ‘retorno’ permanente en el sentido clásico del término, especialmente para los migrantes que desarrollan actividades en el campo social transnacional” (CAVALCANTI; PARELLA, 2013, p. 15-16).

Essa dimensão transnacional vista na migração de retorno pelos autores também é apontada por Sayad quando o mesmo afirma que quem retorna se tornam uma pessoa “entre-dois – entre-dois-lugares, entre-dois-tempos, entre-duas-sociedades, etc”. Como acrescenta o



autor, são também pessoas “entre-duas-maneiras-de-ser ou entre-duas-culturas”(SAYAD, 2000, p.19).

Este estar presente em dois lugares nos leva a pensar que se pode também, de alguma forma, estar ausente nesses dois lugares. Para Sayad (2000), “o migrante está aqui e está lá, está presente e ausente ou, invertendo os termos não está nem aqui e nem lá, nem presente e nem ausente”. Por duas vezes o mesmo sujeito se faz presente e se faz ausente. O migrante está presente aqui “física e materialmente, de maneira corporal apenas, e ausente moral e mentalmente, em espírito; lá, ele está nos fatos, física, material e comportamentalmente ausente, mas está moral, mental e imaginária e espiritualmente presente”. Para o autor, essa ausência onde está presente, atrelada à presença onde está ausente, é um dos paradoxos da imigração (SAYAD, 2000, p.20).

Quanto ao caso dos imigrantes brasileiros que permanecem no Paraguai ou dos retornados, pode-se observar neles aquilo que Sayad (2000) aponta quanto aos efeitos próprios da ausência e da presença. Não se vive impunemente em outro país, a migração sempre deixa marcas, na maioria das vezes, de forma indelével, mesmo sem identificá-las, “seja por nos atermos a ilusão da integridade formal e da fidelidade a si, seja por não sermos nem mesmo conscientes disto”. Ao mesmo tempo, “a presença em um lugar não apaga uma ausência em outro lugar, não existe inserção ou integração aonde a presença que não arque com uma desinserção ou desintegração em relação ao outro lugar, que não é o lugar da ausência e da referência para quem se ausentou” (SAYAD, 2000, p.14 -15).

Nas perspectivas de retorno transnacional e redes sociais, o regresso, segundo Cassarino (2013), é entendido como uma etapa no processo de migração e não mais como o fim do ciclo da migração. Essas duas visões ajudam a compreender os retornos de uma parcela de brasileiros do Paraguai, que ao retornar fixam-se apenas por um tempo tornando a migrar, assim buscando condições mais favoráveis, conforme será visto nos trechos das entrevistas analisadas. Diante disso, como se apresentam as redes no retorno dos migrantes?

A existência de redes sociais e familiares, levando a criação de redes transnacionais e transfronteiriças influencia e facilita os movimentos de retorno para o Brasil. As redes para muitos imigrantes possuem uma importância fundamental na ida, na permanência, e na volta do Paraguai. Quando pensamos em retorno, percebemos que este tem um papel importante na migração, principalmente porque ao narrar as experiências relacionadas com o lugar de destino para os seus que não migraram, o imigrante produz em ficou certo “encantamento”, por vezes, distorcendo ou dissimulando fatos reais nada positivos sobre o lugar de destino, o que pode servir de incentivo para emigrar.

Para Fazito (2010), nas migrações o retorno exerce duas funções: a primeira é fundamental “simbolicamente todo e qualquer projeto migratório” e, a segunda, é desempenhar “uma função estrutural na topologia (estruturas invariantes universais) de um sistema de migração que, muitas vezes, o particulariza num dado contexto (a circularidade da rede social da migração)” (FAZITO, 2010, p.89). No caso estudado, muitos emigram com o desejo de retornar e outros também emigravam por intermédio daqueles que já haviam realizado o movimento migratório, e que, ao retornar ou encontrar pessoas próximas, lançavam a ideia, como demonstramos no quadro 2.



**Quadro N° 2:** Tipologias de redes no retorno e vínculos com o Paraguai

| Entrevistados | Profissão                          | Tipos e descrição das redes nos retornos e migrações pós-retorno  | Vínculos com o Paraguai   |
|---------------|------------------------------------|---|---|
| Gabriel       | Coordenador do Patronato Municipal | Familiar: na emigração para Mauá, SP.   | A proximidade com o Paraguai motiva a migração para Foz do Iguaçu.<br><br>É filiado a partido político paraguaio e possui familiares e amizades naquele país. |
| Francisco     | Vendedor externo.                  | Familiar: na emigração para Ribeirão Preto, SP e na migração para Foz do Iguaçu.  | Trabalha, e possui familiares e amizades naquele país.  |
| Dirceu        | Empregado em uma chácara.          | Familiar: através de filha e genro  | Tem filhos no Paraguai.   |
| Fátima        | Cozinheira.                        | Social: na emigração para Concórdia, SC, amigo do esposo como referência.<br><br>Familiar: na migração pra Foz do Iguaçu, familiares no Paraguai. | Amizades no Paraguai.   |
| Marlene       | Aposentada e dona de casa.         | Familiar: através de filho que residia na cidade.   | Possui filhos, terras e suas famílias no Paraguai.  |
| Maria         | Dona de casa.                      | Ponto de referência para os pais, pai com problemas de saúde.   | A escolha é pela proximidade com o PY.<br><br>Marido que trabalha como caminheiro no Paraguai e familiares.   |
| Rosa          | Dona de casa.                      | Social: um amigo do marido é ponto de referência.   | Tem terras arrendadas no Paraguai. Filhos, amizades e outros familiares.  |

**Fonte:** Elaboração própria com base em entrevistas realizadas entre 2019 a 2022, na modalidade presencial e online).

Tendo por base os dados apresentados no quadro 2 podemos verificar a importância das redes no processo migratório de retorno e, ao mesmo tempo, os vínculos transnacionais e transfronteiriços mantidos, ainda, hoje, com o antigo país de destino. Quanto à opção por municípios fronteiriços, observa-se também que a proximidade com o Brasil ou com o Paraguai, no caso a fronteira, foi um critério considerado em grande parte dos retornos.

No entanto, a migração transfronteiriça possui características próprias. Segundo Albuquerque (2009, p.138) “os amplos deslocamentos e circulação de pessoas nos territórios



fronteiriços possibilitam novas reflexões sobre a polissemia de sentido do termo ‘fronteira’”. Nesse território ocorrem emigrações para e retornos do Paraguai, migrações temporárias e circularidades entre os dois países, mobilidades ligadas à educação ou à atividades econômicas legais ou ilegais, deslocamentos de vários grupos étnicos, como indígenas, dentre outros.

Nesse espaço fronteiriço existem também idas e vindas entre os dois territórios, realizadas por imigrantes brasileiros que acontecem mesmo após o retorno do Paraguai. Retorno de volta ao Brasil e retorno de volta ao Paraguai como estratégia visando melhores oportunidades, o que por sua vez leva a formação de um território ou territorialização de/em trânsito. Para Haesbaert e Mondardo (2010), um formato de territorialização é aquele que acontece “no e pelo movimento”. Atualmente, são numerosos aqueles que se identificam com essa forma de mobilidade, a tal ponto que o território e as identidades ali presentes são formadas na multiplicidade, “pelo próprio ‘estar em movimento’ ou transitar entre múltiplos territórios, o que nos leva, também, a pensar numa forma quase constante de trânsito entre territórios ou, em outras palavras, numa ‘transterritorialidade’” (HAESBAERT; MONDARDO, 2010, p.33).

A numerosa presença brasileira em departamentos fronteiriços paraguaios como no caso de Alto Paraná, sobressaindo-se a presença de paraguaios natos, criou uma territorialização muito semelhante da presente no Brasil. A expansão da fronteira agrícola, com a modernização e conseqüente agronegócio globalizado, presente no estado do Paraná trouxe também consigo a cultura destes imigrantes nos dando uma primeira impressão de que este território pertence ao Brasil, como afirma **Gabriel** ao se referir ao distrito de San Alberto, no Paraguai: “*Era uma extensão do Brasil lá onde eu vivia*”, pois, segundo ele “embora você não tenha a questão do Estado brasileiro, mas se tem a questão do cidadão brasileiro nessa região” (**Gabriel**, Foz do Iguaçu, *online*, 10 fev. 2021).

Nesse território o Estado paraguaio se faz presente por meio de instituições públicas, nas quais quem desempenha funções são paraguaios. Situação que se diferencia de outras regiões do Paraguai, em que a presença populacional paraguaia é maior. **Gabriel** define o seu antigo lugar de residência como “*extensão do Brasil*” em território paraguaio, tanto que entende a sua experiência emigratória ao Brasil como um retorno, como assim se expressa:

*Eu não vejo como emigração, [vejo] como retorno, como eu tinha falado para você, tá muito carregado à questão da memória. Você não tem memória que você é, então é retorno [...]. Não é emigração, é um retorno [...]. Mesmo morando no Paraguai, o meu pai nunca deixou de votar em Foz do Iguaçu, ele sempre votou. Eu tenho muito da minha memória, o meu pai indo votar, eu não entendia muito. Votar, mas você vai votar no Brasil, se tá no Paraguai? Tinha esse conflito. Então, pra mim, hoje eu vejo que nesta questão os laços não foram quebrados no Brasil. É diferente de quando você vai para um país distante aonde você tem que quebrar. Hoje não, porque o mundo ficou muito pequeno com a tecnologia. Mas você já pensou quando os europeus saíram da Europa e vieram pra América? [...], mas aqui não ocorreu isso, aqui era muito fácil de você retornar, de você ter os benefícios da saúde* (**Gabriel**, Foz do Iguaçu, *online*, 10 fev. 2021).



No seu relato, o entrevistado justifica o porquê compreende sua migração como um retorno e não como uma emigração. Primeiro pela memória, sendo filho de pais brasileiros e natural de um distrito em que a população brasileira era a maioria, suas referências afetivas, culturais e a memória transmitida pelos seus estavam muito mais vinculadas ao Brasil do que ao Paraguai, levando com que este tivesse um sentimento de pertencimento ao país de origem de seus pais. Tanto que no trecho da entrevista “*you não tem memória que você é*”, podemos supor que este não se sente paraguaio, mesmo tendo estudado e vivido até os 14 anos em seu país de origem. Sendo assim, o migrante conclui que realizou um retorno ao Brasil. Nesse espaço fronteiriço a cultura brasileira é a predominante, seja por meio da língua, dos costumes, das músicas, dos canais de televisão, dentre outros. Essa influência é muito forte mesmo para a segunda geração, filha de imigrantes, que acabaram criando vínculos com o Brasil. Ao mesmo tempo não queremos negar a presença da cultura e línguas paraguaias, porém, em distritos paraguaios, como em San Alberto, percebemos que a cultura brasileira se apresenta sobreposta à paraguaia.

Outro ponto levantado na entrevista é a questão do seu pai, mesmo estando residindo no Paraguai votar no Brasil. Algo que para **Gabriel** era difícil de entender, que levava conflito e questionamento. Essa prática, ainda, hoje, é realizada durante as eleições e, principalmente, no período em que o entrevistado residiu naquele país quando havia ainda mais brasileiros no Paraguai. Votar ao Brasil é algo estratégico para estes brasileiros que mediante a este direito podem exercer a cidadania e reivindicar acesso à serviços públicos ou de outras ordens nos municípios fronteiriços brasileiros por meio de seus candidatos.

A proximidade com o país de origem de seus pais possibilitou que os laços que uniam esses ao país de origem se mantivessem conectados, como expressa o entrevistado na frase: “*os laços não foram quebrados no Brasil*”. Os vínculos afetivos com familiares que não emigraram, as memórias ligadas ao país de origem dos pais e o exercício do voto no Brasil, são alguns exemplos dos laços que esses imigrantes mantêm com o país de origem, muitas vezes articulados por redes familiares e sociais transfronteiriças.

Para compreendermos a mobilidade de ida e volta desses sujeitos nesse espaço, em especial o retorno, é fundamental compreendermos o que é a fronteira. Pensar a fronteira entre Brasil e Paraguai, significa se deparar com uma pluralidade de sentidos e significados para o termo no mundo contemporâneo. Para Póvoa Netto (2018), a fronteira também pode ser entendida como *frontier* e *border*. “A *frontier* que se torna *border*, com o processo de povoamento que se detém na fronteira política, com os colonos se tornando ‘nacionais’ o ‘estrangeiro’ conforme o ponto em que ocorreu o assentamento, costuma ser analisada na sua forma ‘clássica’ norte-americana”. Porém, o autor acrescenta que “a produção de fronteiras *border* a partir de uma estabilização territorial que advém da competição por terra e do avanço do *front* militar é uma presença reiterada na história dos deslocamentos de população” (PÓVOA NETTO, 2018, p. 96).

A fronteira é concebida por Martins (1996), como “*o lugar da alteridade*” e onde existe o “*conflito social*”, o que a torna algo singular. Numa primeira impressão, ela pode ser um local de encontro, no entanto, o conflito torna a fronteira em um só momento “um lugar de descoberta do Outro e desencontro”. Para o autor, “o desencontro na fronteira é o



desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História”. Esse desencontro de perspectivas é expressão da “contraditória diversidade da fronteira”; trata-se de uma variedade de relações sociais marcadas por tempos históricos contemporâneos diversos. Assim, “a fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o outro se torna parte antagônica do nós” (MARTINS, 1996, p.27-30).

Compartilhando de posição semelhante, Gonçalves (2006), com base no seu trabalho na fronteira entre o Brasil com o Paraguai, afirma que a “‘fronteira’ representa uma realidade ambígua e plural. Lugar escorregadio e impreciso de quem, por um lado, não é mais cidadão do país de origem e, por outro, ainda não é cidadão do país de destino”. Percebe ainda, a fronteira como o “lugar de um vai e vem intenso e diário, onde a luta pela sobrevivência pode acirrar tensões, mas o cruzamento de pessoas diferentes também pode criar oportunidades de novos encontros”, sendo, então, “espaço de solidão e de busca, mas também espaço de integração. Lugar de disputa, terreno de ninguém e de todos, onde leis, rostos e nomes são, ao mesmo tempo, lembrados e esquecidos” (GONÇALVES, 2006, p.6).

Ao analisar a emigração de brasileiros ao Paraguai, Albuquerque (2005) afirma que se apresenta como uma fronteira em movimento, pois ultrapassa o limite internacional, construindo várias fronteiras no território paraguaio, por exemplo, “os limites entre o cidadão e o estrangeiro, as diferenças das línguas nacionais, confrontos entre mentalidades capitalistas e culturas camponesas e as fronteiras de um passado de conflitos entre os dois países”. Logo, “a fronteira é uma zona, uma faixa ou região entre países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite e que não tem extensão precisa e varia em cada situação específica” (ALBUQUERQUE, 2005, p.44).

Conforme Póvoa Netto (2018, p. 84), em várias situações a fronteira continua sendo uma zona de transição, faixa de contato, espaço de troca e de passagem, mas, em outros momentos, representa o contrário disso, principalmente devido à existência de muros e outras barreiras. Adquirindo o caráter de limite entre duas nações:

A hipersecuritização das fronteiras e a ocorrência crescente da violência contra os que tentam cruzá-las pode aparecer como um confronto entre anseios e legitimidades: anseia-se por um “mundo aberto”, mas ao mesmo tempo busca-se proteção contra a “miséria do mundo”. Cosmopolitismo e universalidade da condição humana *versus* soberania do Estado e proteção do território nacional (PÓVOA NETTO, 2018, p.94).

Esse contexto de securitização e controle das fronteiras estendeu-se a nível mundial devido à pandemia<sup>6</sup> ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19. Para

---

<sup>6</sup> É importante que se mencione brevemente os impactos dois lados da fronteira durante o período em que esta esteve fechada. Segundo Mascarenas e Klauck, entre os meses de março e outubro os municípios de Foz do Iguazu e Ciudad Del Este foram afetados principalmente nos setores do comércio e do turismo. O Paraguai, considerando os seus limitados recursos na área da saúde adotou uma severa política de restrições, sendo mais duro que o Brasil no bloqueio das fronteiras, impedindo até mesmo o retorno de seus cidadãos devido à ameaça de serem possíveis portadores do vírus, devido ao enorme número de caso de contaminados e de vítimas fatais no Brasil, algo que se confirmou na maioria dos casos. Estes tiveram que ficar em quarentena na Ponte da Amizade para só depois poderem retornar. Além disso, na economia, segundo dados



Domenech (2020, p. 18), o fechamento das fronteiras por todos os Estados da América do Sul “supuso la inauguración de un proceso inédito en la producción del régimen regional de migración y fronteras”. Nesta conjuntura, conforme o autor, as buscas e estratégias para conter a pandemia por meio de fechamento de fronteiras e restrição de movimento têm colaborado para fortalecer o poder soberano do Estado Nacional. As medidas de envio e recebimento implementadas pelos Estados recriaram a forma como as fronteiras externas se articulam com as internas, produzindo inúmeros efeitos na vida diária dos migrantes (DOMENECH, 2020, p.21).

A fronteira do Brasil com o Paraguai foi fechada devido à pandemia no dia 18 de março de 2020 e aberta somente em 15 de outubro do mesmo ano. Nesse contexto esta fronteira adquiriu um caráter de linha e limite, onde o fluxo passou a ser restrito para algumas atividades, como a dos caminhoneiros, responsáveis por realizar o transporte de mercadorias entre os dois países.

Lembranças desses momentos foram frequentemente relatadas pelos migrantes retornados entrevistados. Nestas entrevistas percebemos as estratégias que os imigrantes tiveram que utilizar para manter o vínculo com os familiares e, ainda, o emprego, além da saudade, angústia e o desejo de rever filhos, netos, demais familiares e amigos. Também houve retornos de volta para o Brasil e retorno de volta para o Paraguai, como veremos na próxima seção em relato de uma entrevistada.

### **Retornar e permanecer na fronteira: estratégias migratórias no espaço fronteiriço**

A migração de retorno tradicionalmente é vista como a última etapa dentro dos processos migratórios, provavelmente devido às experiências do passado, onde a distâncias e os escassos recursos financeiros e de locomoção condicionavam a grande maioria dos imigrantes a permanecer fixos no lugar de destino. Atualmente, devido à tecnologia, as idas e vindas e os retornos se tornam mais intensos. Isso demonstra que o regresso é uma etapa da trajetória migratória do sujeito e/ou grupo.

Romeu (2018) considera que, na atualidade, “o retorno é mais do que uma inversão do sentido migratório, tradicionalmente visto como a conclusão da mobilidade”. Existem múltiplas idas e vindas; há movimentos que se tornam uma ida constante percorrendo diferentes lugares, fazendo várias etapas migratórias; há partidas com rápidos retornos; há partidas longas com retornos aspirados que quando acontece em pouco tempo se transformam em novas migrações (ROMEU, 2018, p. 104).

Esses movimentos de retorno se tornam, ainda mais intensos e complexos, na região de fronteira analisada. Isso se deve porque ocorrem retornos de volta para o Brasil e retornos de volta para o Paraguai com mais facilidade. O caso de **Fátima**, natural do município de Francisco Beltrão, PR, demonstra essa mobilidade na fronteira após o retorno. A entrevistada morou em Hernandaria, distrito do departamento de Alto Paraná, retornando ao Brasil, na

---

apresentados em evento com os dois municípios fronteiriços “cerca de 75 mil trabalhadores ficaram sem renda, destes, 20 mil são funcionários das lojas, 55 mil são microempreendedores ou informais. Estes, são números diretos, mas deve ser acrescentado o impacto indireto tanto Paraguai quanto no Brasil” (MASCARENAS; KLAUCK, 2020: p.12). Ao mesmo tempo, notou-se que no setor agropecuário houve um crescimento em produtividade.



década de 1970, para o município de Concórdia, SC, com esposo e filha em busca de trabalho. Após a sua separação, em busca de trabalho próximo aos seus familiares, se estabelece em Foz do Iguaçu, PR, e retorna de volta ao Paraguai. Quando retorna de volta para o Brasil passa a trabalhar entre outras funções como diarista, cozinheira e vendedora na região de fronteira em ambos os países.

*Fui trabalhar de cozinheira, de vendedora de roupa. Eu ia pra Hernandaria vender roupa, vender perfume. Buscava em São Paulo e vendia ali no Paraguai. E pensa que as paraguaias compram coisa do Brasil! Eu vendia bem ali nas lojas de Ciudad del Este [...]. Eu criei as minhas filhas assim, eu ganhava dinheiro assim. Até carne comprava no açougue no Paraguai e vendi aqui pro pessoal do Brasil. Pensa, fazia contrabando de carne, já viu! [...]. Eu ia lá, no tempo em que o Real subiu, comprava carne de um preço lá, ai colocava a carne na kômbi e me [a kômbi] trazia do lado cá, já me deixava aqui em Foz [do Iguaçu]. Eu vendia em casa e num instantinho, um comprava um kg, dois kg, três kg, num instantinho vendia tudo. Então eu criei as minhas filhas assim, trabalhando assim (Fátima, Foz do Iguaçu, online, 16 de ago. 2021).*

A migração de **Fátima** em busca de trabalho que traria o sustento dela e das filhas demonstra a agência/protagonismo da mulher nos movimentos migratórios na região de fronteira dos dois países e nas atividades laborais, como no comércio informal muito praticado dentro deste contexto. As referências que possuía no espaço urbano de Ciudad del Leste tornam o mesmo um lugar de recomeço após o divórcio do seu casamento.

Para muitas mulheres latinoamericanas, segundo Guizardi (2020), as fronteiras surgem como uma “dialética de oportunidade”. Nesse espaço fronteiriço encontram a possibilidade de solucionar as suas sobrecargas, mas essas possibilidades acabam as deixando em um padrão de violações e violência de difícil solução. A autora acrescenta que os estudos concordam que as mulheres desempenham um papel muito importante nesses territórios como agentes ativos de resistência e empoderamento pessoal, familiar e comunitário. O trabalho de parentesco e outros trabalhos de cuidado realizados por elas também constituem (contraditoriamente) uma forma de agência feminina (GUIZARDI, 2020, p.79).

A agência feminina no cuidado com os seus pode ser vista no relato de **Maria**, que acolhe seu pai doente em Santa Terezinha de Itaipu, PR. Prática muito comum entre os familiares que se encontram divididas dos dois lados da fronteira em que os pais residentes no Paraguai buscam a acolhida e o encaminhamento por meio dos filhos que residem no Brasil.

*O pai teve problemas sérios de saúde. Daí ele não tinha condições de pagar o médico em Santa Rita [Paraguai], porque era tudo particular e ele foi internado no hospital Cristo Rei [...], daí tinha que pagar tudo, tudo. Daí parece que tu nunca chegavas à vez e não se descobria o que era, e o pai cada vez mais fraco. Daí eu falei pra eles que ia conseguir por ele pelo SUS, que era pra eles vir morar conosco, daí o pai e a mãe vieram morar conosco. Mais tarde eles venderam a terra deles lá e compraram um terreno e fizeram uma casa por aqui (Maria, Santa Terezinha de Itaipu, 14 jan. 2019).*

**Maria** chama para si a responsabilidade pelo cuidado do pai que realizava tratamento sem resultados positivos no Paraguai e encaminha este para tratamento pelo SUS em sua cidade. Evitando os custos do tratamento, pois, no país de destino, grande parte dos



atendimentos é particular. Nessa realidade vemos a atuação das redes em que, conforme Santos, “táticas e estratégias são acionadas entre os membros da rede, possibilitando que pessoas circulem e habitem em diferentes lugares, fundando um uso do território que não se conforma aos limites físicos das fronteiras nacionais” (SANTOS, 2021, p.55). No caso dos pais da entrevistada, devido às necessidades na área da saúde, efetivou-se a venda das terras e o retorno definitivo para o Brasil.

Natural de Cerro Largo, RS, **Maria** em 2002 deixou Santa Rosa Del Monday, PY, e voltou a residir no Paraná a pedido do esposo caminheiro que trabalha e passa boa parte da semana ou alguns meses durante a safra no Paraguai. A opção pela cidade se deu pelo fato desta ser próxima ao Paraguai. Nesse caso, vemos uma família transfronteiriça/transnacional que se divide e se articula na fronteira entre os dois países. A motivação primeira do casal para retornar está ligada a busca de estudo, trabalho e “futuro” para os filhos, como a mesma assim se expressou:

*Optamos por nossa conta voltar pra dar mais tarde estudo e emprego pros filhos. Como eu tinha um filho já nascido lá [Paraguai], ele nasceu lá, o meu menino, mas eu registrei aqui no Brasil, por questões que o meu marido pensava que mais futuramente ele ia ter que servir [o Exército] lá [Paraguai] dentro e ele não queria que ele sofresse, então registramos ele aqui. E depois mais tarde, eu tive minha filha, tivemos a nossa menina, e ela foi registrada no Paraguai, ela é paraguaia. E daí quando ela [es]tava com nove meses nós mudamos pra cá (**Maria**, Santa Terezinha de Itaipu, 14 jan. 2019).*

A estratégia usada pelos pais de registrar o filho em um país que não corresponde ao seu de nascimento era uma prática frequente nessa região de fronteira. Os pais brasileiros aproveitam-se dessa proximidade com Brasil a fim de evitarem certas situações, como a obrigação de servir ao exército no país de destino. No caso da filha, a opção foi pelo registro no Paraguai, lugar onde esta realizou boa parte de seus estudos.

Algo que também pode ser visto como estratégico na medida em que facilita os estudos e também no caso de possuir terras, conforme a fala de um entrevistado pode ser útil na medida em que evita possíveis contestações se estas estiverem registradas no nome de filhos nascidos e registrados no Paraguai. Isso ocorre porque problemas ligados à titulação de terras de imigrantes brasileiros acontecem frequentemente em alguns lugares de presença desses imigrantes. Dessa forma, os imigrantes brasileiros, retornados ou não buscam na mobilidade na fronteira entre dois países, benefícios sociais, oportunidades e visam assegurar os direitos como cidadão para si e para os seus semelhantes, parentes e até amigos.

No caso de **Francisco**, natural de Nova Aurora do Oeste, PR, o ir e vir entre dois países após o retorno de volta ao país de origem é uma constante em sua vida. O primeiro retorno em 1988 foi motivado pela perda da safra do ano devido à seca:

*Na época, assim, fui à falência. Precisei da chuva e veio muito sol na lavoura, matou a lavoura e tive que vender tratores, vender tudo [...]. Perdi tudo pra pagar as contas. Eu, na época, adquiri 20 hectares minhas e plantei 80 hectares arrendadas. E essa que eu arrendei foi o que me quebrou. Tive que vender as minhas [terras] e os meus tratores pra poder pagar as contas. Daí vim embora para Ribeirão Preto, São Paulo. Na época eu fiquei praticamente desarmado pra trabalhar, daí fui embora (**Francisco**, online no Paraguai, 24 de fev. 2021).*



No campo a vida na maioria das vezes fica no limite em que um ano pode definir entre migrar e ficar. Como não existe poupança e nem safra para vender, não existem condições financeiras de permanecer no campo. Seu retorno não se dá em um primeiro momento para os municípios fronteiriços brasileiros, mas para o lugar que possuía referências socioterritoriais, ou melhor, uma rede familiar que lhe conseguiram emprego. Somente no ano de 2001, o mesmo migra para a fronteira devido à saúde do pai que ainda residia em San Alberto, PY.

*Um dos motivos que me levou pra lá [Foz do Iguaçu] era pra ficar perto do meu pai, como o meu pai morava em San Alberto e ele não [es]tava muito bem de saúde, o hospital que ele sempre ia era lá em Foz. Esse foi o motivo de eu mudar pra Foz, pra estar acompanhando a saúde dele e tal. Eu levantei as malas e disse: 'Tô indo!' Na época eu não [es]tava empregado, não tinha nenhuma oportunidade de emprego. Cheguei ali, estava desempregado, como tinha muito moto táxi na cidade, fui trabalhar de moto táxi na ponte. Fiquei dois anos ali na ponte, ganhando mais do que eu [es]tava ganhado em São Paulo (Francisco, online no Paraguai, 24 de fev. 2021).*

Depois de outras mobilidades nos dois países, no ano de 2009, o mesmo retorna para Foz do Iguaçu e se estabelece fixo, mas trabalhando diariamente com vendas e cobranças para uma cooperativa no Paraguai. Como este afirma: “*Eu trabalho viajando sempre. Eu faço uma semana sul, pro lado de Encarnación [Paraguai] e outra semana vou pro lado de Mato Grosso [Brasil], faço o norte do Paraguai. Eu sempre tô na estrada*” (Francisco, online no Paraguai, 24 de fev. 2021). No caso de **Francisco**, que afirma estar sempre na estrada entre os dois países, podemos pensar em uma modalidade de transterritorialidade (HAESBAERT; MONDARDO, 2010) pela condição do trabalho, esse ir e vir, ou trânsito entre múltiplos territórios, pelo trabalho transfronteiriço e transnacional. Sobre essa condição de migrante transnacional, de viver entre os dois países, “entre-dois”, como afirma acima Sayad (2000), este nos diz:

*Quando eu voltei [pra] trabalhar no Paraguai, voltar a viajar como eu viajo hoje, pra mim, eu [es]tava me sentindo em casa porque uma que a minha família já morava em San Alberto. Meus pais, a felicidade deles, nossa! Cada 15 dias passava na casa dos meus pais [...]. Morar em Foz do Iguaçu e trabalhar no Paraguai pra mim não teve coisa melhor, tanto que estou até hoje [...]. Pra trabalhar, eu me sinto em casa no Paraguai, pra morar, no Brasil (Francisco, online no Paraguai, 24 de fev. 2021).*

**Francisco**, como retornado transnacional, entre dois países, dois lugares, dois tempos e duas sociedades (SAYAD, 2000), opta por trabalhar no Paraguai, onde o salário seria melhor em comparação com a mesma função no Brasil e opta pelo Brasil como lugar de residência de sua família devido às demandas familiares, pois para a esposa a distância dificultaria seu trabalho como biomédica em Foz do Iguaçu. **Francisco** ainda conta com a família paterna residente no Paraguai, o que o permite sentir-se ainda “em casa”, como este expressa. Nessa condição de entre-dois lugares, dividido entre dois lados da fronteira, o entrevistado vive e percebe como algo bom para ele, que circula com facilidade, mas ruim durante o período da pandemia devido o fechamento da Ponte da Amizade.





É importante observar que a pandemia produziu muitos retornos e/ou forçou retornos de brasileiros. O fechamento da ponte da Amizade durante a pandemia, momento em que a fronteira ganha um caráter de limite, onde o Estado soberano passa a ter mais poder (DOMENECH, 2020) com o controle da mobilidade, fez ao mesmo tempo com que brasileiros e paraguaios realizassem retornos. Como afirma **Rosa** muitos teriam voltado ao Paraguai durante a pandemia:

*Com a pandemia teve muita gente que voltou [...]. Lá a gente vivia em comunidade. Certas comunidades lá eram difíceis de viver porque a polícia tomava conta, virou aquela bagunça toda, mas algumas comunidades não tinham esse controle, né? Daí ficou mais fácil. Era mais fácil ficar lá com a pandemia, daí muita gente foi de volta embora e tão lá até hoje, mas já pra mim foi diferente. Pra mim já não deu certo. A minha solução era voltar [...] E também eu não me acostumei a morar lá onde eu morava, como o sítio ficou distante de tudo eu não pude morar no sítio [...]. Eu tive que morar numa vilazinha, e lá naquela vilazinha, tipo assim, eu não me sentia em casa[...] só mais dentro de casa (Rosa, Santa Terezinha de Itaipu, online, 19 de jan. 2022).*

**Rosa**, natural de Capitão Leônidas das Marques, PR, emigrou ainda criança para San Alberto, distrito do Departamento de Alto Paraná. Em 2001 a mesma retorna com o esposo e os filhos para o Brasil, estabelecendo-se em Santa Terezinha de Itaipu, PR. A motivação para volta estava ligada a saúde da sogra e estudo dos filhos e da cunhada com necessidades especiais, que ficara sobre os cuidados de **Rosa**.

A opção por este município está ligada a fama de ser tranquilo, pelo fato de ter um amigo como referência e pelo atendimento referência na área da saúde. Quanto a isto a mesma afirma que: “Muitos falavam: A eu moro lá [Santa Terezinha de Itaipu] e a saúde é boa [...]. Sempre lá no Paraguai alguém tem uma mãe, um irmão, um tio ou um avô. A, o meu avô mora lá [Santa Terezinha de Itaipu], a minha tia mora lá [...], questão da saúde” (**Rosa**, Santa Terezinha de Itaipu, *online*, 19 de jan. 2022). Observa-se, por meio desta trajetória, a construção de uma “comunidade transnacional” (MARQUES, 2009), que se articula por meio de redes familiares para buscar serviços públicos ligados à saúde no município.

O esposo da entrevistada, não se adaptando a realidade de viver longe do seu sítio, opta por retornar ao Paraguai para seguir no campo e prover o sustento da família que seguia no Brasil:

*[...] ele achava que ele ia se acostumar aqui, que não ia precisar voltar pra lá pra trabalhar. Daí não, não se acostumou por causa do sítio, né? Bem no fim, ficava só nós mesmo aqui. Daí ele vinha todo o fim de semana. Daí as crianças eram pequenas na época, né? Ele ia na segunda e vinha no sábado ou ele vinha no domingo e ia no outro domingo (Rosa, Santa Terezinha de Itaipu, online, 19 de jan. 2022).*

A fala de **Rosa** considera a questão da não adaptação do esposo a vida na cidade, algo que também percebemos ser comum entre entrevistados que tendo dedicado grande parte de sua vida no trabalho na agricultura não conseguem se desvincular dessa vivência e optam por viver entre os dois países, entre “ausências e presenças” (SAYAD, 2000), se deslocando de forma pendular. Ainda, no caso da entrevistada, o retorno para o país de origem não foi



definitivo. Em 2017, esta retorna de volta para o Paraguai e em 2020 retorna de volta para o Brasil.

*Em 2017 os meus filhos resolveram ir morar na agricultura lá [Paraguai] [...] pra trabalhar no sítio lá e tudo, eles foram embora. Eu fiquei com essa menina que cuida, que é a minha cunhada, que virou filha. Daí como todo mundo tinha ido embora eu fui embora também [...]. Começou a pandemia e o Osni [esposo] teve um infarto [...]. Ali eu já vi que já tinha que vir embora, né? Ele ficou bem doente, o tratamento era longo e tipo assim meio duvidoso, você paga uma coisa que você não confia, pra começar já não fala a nossa língua, né? Daí eu comecei a pensar: Meu Deus, será que eu não vou ter que ir embora? Daí veio à pandemia fechou tudo, a gente ficou isolado e aquela coisa toda. Aí eu comecei a pensar: A não, quando a ponte abrir eu vou embora (Rosa, Santa Terezinha de Itaipu, online, 19 de jan. 2022).*

Vemos que no retorno ao Paraguai a motivação estava ligada ao fato de a mesma estar sozinha com a cunhada com necessidades especiais. O isolamento e a distância de familiares, sem uma rede de apoio, também se apresentam como motivação para o retorno ao Brasil de uma parcela de imigrantes. O retorno pela segunda vez e o arrendamento das terras não rompeu os laços com o Paraguai, do qual provem ainda o seu sustento familiar e aonde a entrevistada possui quase toda a família. Nos dois retornos de volta para o Brasil, mais especificamente para Santa Terezinha de Itaipu, PR, a motivação primeira foi à busca por serviços públicos na área da saúde e da educação. Do antigo país de destino provêm o sustento familiar para a parte da família que esta no país de origem, é lá ainda o lugar em que Rosa tem parte da família e amizades. Porém, é no lugar que está, no caso Santa Terezinha de Itaipu, que ela encontra serviços públicos para os seus, como educação e saúde. Assim, identificamos que a migração não rompeu os laços com o Brasil, e o retorno não rompeu os vínculos destes migrantes com o Paraguai. A fronteira, nesse caso, se caracteriza muito mais como um *continuum*, ou sociabilidade, do que como uma descontinuidade espacial.

O município fronteiriço, como outros, também acaba sendo atrativo para pessoas de mais idade ou por questão de doença, acabam retornando de forma definitiva, com o auxílio de redes transfronteiriças, atraídas pelos benefícios na área da saúde e previdência social por serem cidadãos brasileiros. Como no caso de Marlene, natural de município de Erval Grande, RS, que no ano 2000 deixou o Distrito de Iruña, no Paraguai, e retornou para o Brasil devido à saúde do seu esposo que teve um grave “derrame” (Acidente Vascular Cerebral).

*O meu filho tinha comprado essa casa aqui, perto de rodoviária, perto de ponto de táxi, perto de farmácia. Nada contra o Paraguai! [...]. Não tinha mais como nós morar no interior, nós morávamos no interior longe de farmácia, disso e daquilo, ele [esposo] não era pra fazer nada [...], não tem mais como morar na roça. Daí eu abandonei roça, a minha cozinha e tudo [...]. Daí achavam que era melhor vir pro Brasil que aqui tu encaminhas pelo SUS, sempre se consegue. Nós conseguimos muita coisa [...]. Eu prefiro aqui, a gente faz exames de vez em quando (Marlene, Santa Terezinha de Itaipu 15 jan. 2019).*

O casal, por meio do filho residente nesta cidade, fixou-se em Santa Terezinha de Itaipu, PR, num lugar, como a entrevistada afirmou, bem localizado, próximo à rodoviária, ponto de táxi e farmácia, para que desta forma, em caso de ausência de alguém a mais em casa, está pudesse ser assistida, já que cuidava, no período da realização desta entrevista, do



esposo doente que, posteriormente, veio a falecer. A entrevistada, que afirma ter abandonado a “roça”, a “cozinha” e “tudo”, passa a viver numa realidade totalmente diferente da que era acostumada, por meio de articulação de uma rede familiar, constituída em Santa Terezinha de Itaipu pela presença do filho. Ainda quanto à rede, Santos afirma que esta “forma um espaço social onde é tecida uma variabilidade de ações intersubjetivas, como relações de poder, conflito, consenso, força, dissenso e sentimentos de solidariedade e compaixão” (SANTOS, 2021, p. 73). Em nosso caso, a rede movida por essa necessidade e foi fundamental para que o esposo de **Marlene** e mesmo ela tivessem acesso a mais recursos ligados principalmente à saúde.

Identifica-se no caso de **Marlene**, que atualmente esta possui terras, filhos casados e netos no Paraguai, ou seja, possui um vínculo ainda forte com o outro país. A família permanece dividida entre os dois países, mas as redes familiares transnacionais e transfronteiriças mantêm os laços afetivos. O filho que residia no Brasil acabou retornando ao Paraguai devido às questões de trabalho, optando por voltar a trabalhar nas terras da família.

No caso do **Dirceu**, natural do município de Guaraniaçu, PR, o retorno estava ligado à busca pela aposentadoria. Por 30 anos ele e a esposa viveram no Paraguai trabalhando em chácaras em diversos distritos, sendo alguns deles no Departamento de Alto Paraná. Sobre a vida sofrida e itinerante no Paraguai, **Dirceu** afirmou que:

*Nós não tínhamos parada. O cara que não tem casa e nem lote, o cara não tem parada. Fica pulando na casa de um, vai na casa de outro. Experimenta o coração de um, experimenta o coração de outro. Trabalha ali e não recebe. Em muita parte, que nós trabalhamos não recebemos. Perdemos mudança tudo [...]. Nós não tínhamos parada. Que nem o cara que não tem chácara e nem casa vai procurando o coração dos outros. Hoje está aqui, amanhã está lá em outra parte (Dirceu, Foz do Iguaçu, 21 de mai. 2022).*

A migração de **Dirceu** e sua família, diferente dos outros casos em que houve compra de terras pelos pais ou esposo e fixação em ou lugar ou dois no Paraguai, se caracteriza por ser uma migração de trabalho (SAYAD, 1998). Em seu relato tocante como o mesmo descreve não tinha “parada”, quando ficava desempregado o mesmo e a família migravam novamente e “*Experimenta[vam] o coração de um, experimenta[vam] o coração de outro*”, por vezes sendo explorados, perdendo bens, como mudança e não recebendo um salário.

Como **Dirceu** e sua esposa já estavam com certa idade e já não tinham as mesmas forças, após uma conversa familiar com uma das filhas que vivia no Brasil, decidiram retornar no ano de 2020, num período que antecedeu o fechamento da Ponte da Amizade, no Paraguai. Porém, sem muita estrutura financeira e capital social, compreendido como “recursos providos pelas famílias ou parentes dos retornados, sendo importante para o sucesso das iniciativas e projetos dos migrantes no retorno” (BOTEGA *et al.*, 2015, p. 8), que de fato lhes pudesse ajudar, esses migrantes acabaram se sujeitando a um trabalho que o genro havia conseguido como caseiros em uma chácara de Foz do Iguaçu, Paraná. Entretanto, esse trabalho não era nada favorável para ele e sua família, pois, após um curto período de permanência, o proprietário interessado em transformar a área em loteamento, por cinco vezes, já havia pedido que os mesmos se retirassem de sua propriedade.



Para piorar a sua situação, a filha menor de idade é impedida pela escola de estudar há mais de dois anos, devido à falta de documentos que demoraram a serem encaminhados devido às dificuldades geradas pela pandemia. Observa-se, neste caso, que a escola brasileira ao impedir a matrícula da filha de **Dirceu**, por não validar os documentos das escolas paraguaias em que a mesma havia estudado e não compreender a exceção daquele contexto de pandemia, demonstra que a educação na fronteira se apresenta como com caráter de limite, que impede o imigrante de seguir sua vida escolar.

Assim, enquanto aguarda uma oferta de trabalho em outra chácara e vive nessa condição provisória própria do imigrante, que como afirma Sayad, vive um “intenso sentimento de provisoriedade” (SAYAD, 1998, p. 45), como **Dirceu** descreve de: “*Hoje está aqui, amanhã está lá em outra parte*”, segue, ainda, no Brasil como fazia no Paraguai: “*procurando o coração dos outros*”, ganhando a vida trabalhando por dia em atividades como roçadas no campo. Atualmente, com retorno do vínculo ao antigo país de destino se resume a parte dos seus 8 filhos que ainda moram naquele país, que devido as poucas condições dos pais, somente algumas vezes receberam visita.

Assim, como **Dirceu** a família de **Gabriel** voltou para a fronteira sem condições financeiras. No caso do último, a opção por retornar e se fixar na fronteira com o antigo país de destino somente acontece na segunda migração após o retorno. Ao retornar, o mesmo e seus familiares se fixam em Mauá, SP, lugar que residiam os familiares maternos dele. O município constituiu-se como ponto de referência pela presença de uma rede familiar. Porém, a experiência de viver na cidade grande foi muito distinta da que estavam acostumados fazendo com que a família não se adaptasse e em pouco tempo buscasse migrar para a fronteira, no caso, para o município de Foz do Iguaçu:

*Para São Paulo nós tínhamos um ponto de referência, pra fronteira, aqui, nós fomos forçados, porque aqui não tínhamos ninguém, não tinha nenhum familiar aqui. Eu acredito que seja pela proximidade de San Alberto, que é 100 km [pausa]. Então, assim, fácil de assimilar, ou fácil de voltar quando sente saudades [pausa]. Não conseguimos romper o laço porque nós fomos para São Paulo, ninguém da família se acostumou. E então, assim, retornamos e ficamos na fronteira (Gabriel, Foz do Iguaçu, online, 10 fev. 2021).*

Gabriel, em seu relato, percebe diferenças nas duas migrações feitas pela sua família. Se, na primeira havia uma rede familiar, constituída por familiares de sua mãe que residiam em Mauá, SP, que possibilitaram um recomeço para a família, na segunda migração essa situação não se repetiu, pois estes não tinham uma rede familiar. Porém, em outro momento da entrevista, Gabriel afirma que a presença de sua família em Foz do Iguaçu foi como um “elo” para o retorno de familiares de seu pai que ainda viviam no Paraguai. Ou seja, passam a ser ponto de referência para o retorno dos seus parentes.

Nesse sentido, como afirma Cassarino (2013, p. 40), ao retornar os migrantes se apresentam como sujeitos sociais que estão ligados a várias ramificações de relações, revelando “uma multiplicidade de envolvimento por parte destes atores bem como uma variedade de modalidades organizativas que incidem sobre seus comportamentos”. Dessa forma, em dado contexto “diversas estruturas de rede oferecem diferentes oportunidades, bem



como diferentes estratégias e orientações”. Esta “multiplicidade de opções pode explicar o interesse dos atores e, ao mesmo tempo, garantir a continuidade das redes” (CASSARINO, 2013, p. 40).

Se, por um lado, **Gabriel** afirma que o retorno para a fronteira foi forçado pela falta de familiares como referência, por outro, a opção por ela se dá, pois, estes assim estariam próximos a San Alberto, no Paraguai, onde teriam referências. Isso demonstra que os laços não foram rompidos com o Paraguai e que a motivação para a migração muitas vezes não se limita às questões econômicas ou de outras ordens, mas a laços afetivos e sentimentos de pertencimento com determinados espaços onde estes residiram. No caso da família, a manutenção dos laços afetivos com quem ficou no Paraguai, principalmente, com familiares se mantêm ainda hoje. Além disso, a decisão pela territorialização na fronteira também pode ser vista como uma estratégia migratória, pois, permitiu que por meio de amigos em Ciudad del Este, no Paraguai, seu pai conseguisse trabalho na construção civil, em Foz do Iguaçu, no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, demonstramos que são múltiplos os condicionantes que levam ao retorno dos migrantes analisados. Se, na emigração para o Paraguai, a fronteira agrícola foi a grande motivação do retorno, esta ainda se apresenta atualmente, embora com menos força de atração, do que em décadas anteriores. O processo de modernização agrícola, principalmente nos estados da região Sul do Brasil, que levou a expulsão de brasileiros, acabou também se repetindo no Paraguai, e ocasionou o retorno de muitos imigrantes ao país de origem. Porém, esta motivação não é a única, pois as demandas destes imigrantes que envelheceram e/ou constituíram família agora são outras, como a busca por serviços públicos, principalmente, ligados à área da saúde e da previdência social, como aposentadoria, educação para os filhos e/ou benefícios sociais. Em outras palavras, os migrantes retornados buscam acessar direitos de um cidadão brasileiro, como, por exemplo, por meio do exercício da cidadania pelo voto nas eleições, trabalho, educação, saúde na velhice, entre outros.

Nos retornos a “ausência e presença” (SAYAD, 2000) são constantes nos dois territórios nacionais fronteiriços em que o imigrante vive ou possui vínculos. Em um lugar se está presente fisicamente, mas ausente mentalmente e, em outro, o mesmo está presente mentalmente, mas ausente fisicamente. Nessa negociação “entre dois” espaços, na fronteira entre dois países, o imigrante vive e se move. Entre os dois países as redes sociais e familiares transnacionais e transfronteiriças sustentam os vínculos: vínculos diversos, como os ligados às amizades, tanto no Paraguai, como no Brasil, que estes retornados sustentam; vínculos familiares, ligados presença de familiares, tanto nos municípios fronteiriços brasileiros como em distritos paraguaios; vínculos ligados à política, tanto no Brasil, como no Paraguai, como demonstrada por uma migrante entrevistada; vínculos econômicos ligados à manutenção da propriedade da terra, no antigo país de destino, mesmo após o retorno, da qual provém o sustento da família; vínculos ligados ao trabalho e o comércio em que migrantes retornados se deslocam para o outro lado da fronteira.



Identificou-se a fronteira, pela sua fluidez, como um espaço estratégico para o retorno, pois, ela permite a manutenção de vínculos com o lugar deixado no Paraguai, a busca por oportunidades laborais e de serviços públicos. É importante mencionar a agência de mulheres retornadas nessa fronteira, que migraram em busca de oportunidades para si e para os seus, e que acabam articulando o retorno de familiares em busca de benefícios. Porém, no contexto da pesquisa, notou-se também que a pandemia alterou toda a dinâmica da fronteira. A pandemia produziu muitos retornos ou forçou retornos de brasileiros e, com isso, acabou reforçando um lado da fronteira, caracterizado pelo limite de territórios nacionais que, por meio de dispositivos do Estado, impediu fluxos e o direito do imigrante de seguir os estudos no país de destino.

Percebeu-se também que os retornos podem ser definitivos ou temporários. O retorno para as pessoas idosas e com problemas mais sérios de saúde se apresentou como a última migração do sujeito, mas nem por isso levou o migrante a romper os laços com o antigo país de destino, pelos casos que analisamos vemos que as relações com o Paraguai ainda são mantidas. Ao mesmo tempo nem todos que retornam param de migrar, alguns se fixam definitivamente, enquanto outros voltam a migrar ou retornam ao Paraguai. Essa condição de trânsito (os múltiplos retornos) mostra a existência de uma modalidade de transterritorialidade entre os dois países.

Dessa forma, vemos que a migração não rompeu os laços dos imigrantes com o Brasil e o retorno não rompeu os vínculos destes com o Paraguai. Como demonstra a fala de um de nossos entrevistados, o único paraguaio, nos apresenta vários exemplos de vínculos com os espaços fronteiriços que se mantém, mesmo com os processos migratórios, tanto de ida como de volta (retorno). Essa fronteira atravessada e alargada pela migração de retorno fez com que o paraguaio tivesse muito mais memórias ligadas ao Brasil, porém ao emigrar para o país de seus familiares, somente na migração para a fronteira pode se sentir reterritorializado de forma cultural-afetiva e simbólica, pois sua identidade transterritorial/transnacional se constituiu entre dois mundos-“países”, ou seja, na fronteira.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. L. C. Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai. 2005. **Tese** (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

BALLER, L. Fronteira e Fronteiriços: a construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014). **Tese** (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.



BOTEGA, T.; CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T. (Orgs.). **Migrações Internacionais de Retorno no Brasil**. Brasília: Relatório, 2015.

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Ijuí: FIDENE, 1985.

CANESE, R. Paraguay: la peligrosa restauracion neoliberal. *In*: VILLAGRA, L. R. (coord.). **Neoliberalismo en América Latina**. Crisis, tendencias y alternativas. Asunción: Clacso, 2018. p. 241-259.

Cassarino, J-P. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013.

CAVALCANTI, L.; PARELLA, S. El retorno desde una perspectiva transnacional. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 21, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013.

DOMENECH, E. Pandemia y control de fronteras en el espacio sudamericano. *In*: VELASCO, S. Á. *et al.* **(Trans)Fronteriza: (In)movilidades en las Américas y COVID-19**. Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 17-23.

FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e Migração. Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 89-100, 2010.

FLORENTÍN, C. G. **1954. El contexto histórico**. Asunción: El lector; ABC Color, 2014.

GONÇALVES, A. J. Apresentação. *In*: ZAMBERLAM, J.; CORSO, G. (Orgs.). **Tendências de Mobilidade Humana nas Três Fronteiras**: realidade migratória na Diocese de Foz do Iguaçu. Porto Alegre: Renascença, 2006.

GRAZIANO, J. da S. **O novo rural brasileiro**. 2. ed. Campinas: IE/Unicamp, 2002.

GUIZARDI, M. Las mujeres y las regiones fronterizas latinoamericanas. Movilidades, violencias y agencias. *In*: BLANKE, S. (Dir.). **Fronteras latinoamericanas: Más allá de los límites**. Buenos Aires: NUEVA SOCIEDAD. n° 289, 2020, p.70 - 80.

HAESBAERT, R.; MONDARDO, M. L. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **Geographia**, Niterói, v.12, n. 24, p.19-50, 2010.

MARQUES, D. H. F. Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos “brasiguaios”. 2009. **Tese** (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MARTINS, J. S. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo social**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 25-70, 1996.



MASCARENHAS, M. C.; KLAUCK, S. COVID 19 e o fechamento da Ponte Internacional da Amizade. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v.6 n°03, p.1 -16, 2020.

MONDARDO, M. L. A dinâmica migratória do Paraná: o caso da região Sudoeste ao longo do século XX. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 103-131, 2011.

PIÑONES-RIVERA, C.; LIBERONA, N.; HENRÍQUEZ, W. M.; HOLMES, S. M. Ideological assumptions of Chile's international migrant healthcare policy: A critical discourse analysis. **Global Public Health**, p.1-16, 2022.

PÓVOA NETO, H. Migração e fronteiras. *In*: OLIVEIRA, F. L. de; NOVAIS LIMA JUNIOR, P. (Orgs.). **Território e planejamento: perspectivas transdisciplinares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. v. 1, p. 91-106.

ROMEU DE SOUZA, T. Reflexões sobre a subalternização dos migrantes e sua emergência como sujeitos geográficos na contemporaneidade. *In*: MARTINS, I. M. M.; MONDARDO, M. L. (Orgs.). **Migrações no mundo da fluidez e dos muros: movimentos, práticas e resistência na América Latina**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018. p. 82-110.

SALES, T. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13, p. 87-98, 1996.

SANTOS, G. A. Redes e território: reflexões sobre a migração. *In*: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021. p. 53-80.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SAYAD, A. O retorno, elemento constitutivo do migrante. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, São Paulo, Ano XIII, número especial, p. 01-36, 2000.

SILVA, H. M. Fronteiriços: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio. A região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000. 2007. **Tese** (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SPRANDEL, M. A. Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais. 1992. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

ZAAAR, M. H. A migração rural no oeste paranaense/Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 88, n. 94, p. 01-15, 2001.

## **HISTÓRICO**

**Submetido:** 25 de junho de 2023.

**Aprovado:** 11 de julho de 2023.

**Publicado:** 02 de xxx de 2023.





## DADOS DOS AUTORES

### Marcos Mondardo

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Barão do Rio Branco, 395, Jardim Clímax, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, CEP: 79820-011.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8862-8801>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/1205745448514695>

**E-mail:** [marcosmondardo@yahoo.com.br](mailto:marcosmondardo@yahoo.com.br)

### Vanucia Gnoatto

Mestra em História Regional pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutoranda em História Regional pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, bolsista Prosc Capes (UPF), Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. Endereço para correspondência: Rua da Várzea, 216, ACS Ervalzinho, Aparecida, Barra Funda, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP: 99585-000.

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0199-7127>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/2040074873083905>

**E-mail:** [vanuciagnoatto@gmail.com](mailto:vanuciagnoatto@gmail.com)

## COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

MONDARDO, M.; GNOATTO, V. Migração de retorno da fronteira do Paraguai com o Brasil: redes, vínculos e transterritorialidades. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 12, n. 22, e202304, e-ISSN: 2317-028X, 2023. <https://doi.org/10.59040/GEOUECE.2317-028X.v12.n22.e202304>